

Volteios e ziguezagues: uma leitura antropológica sobre o vínculo animal-humano na Equoterapia¹

On horseback: an anthropological view on the
animal-human bond in Equine Therapy

Luna Castro Pavão

Mestre em Antropologia Social

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, Universidade Federal
de São Carlos – UFSCar

E-mail: lunacpa@gmail.com

Resumo

Este artigo consiste em um estudo das relações animal-humano conforme aparecem na Equoterapia (ou Terapia Assistida por Cavalos). Meu objetivo é discutir o papel que os cavalos manifestam neste tratamento de saúde, o qual se destina ao desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência. Com base na pesquisa de campo que realizei junto à *equipe* de Equoterapia de um Centro Hípico (São Carlos-SP), examino o regime de produção de semelhanças e diferenças que opera entre as pessoas consideradas *com* e *sem* deficiência e os cavalos. Espera-se que os tópicos apresentados possam contribuir para o debate acerca das socialidades *transespecíficas*, a partir dos impactos mútuos produzidos entre os conceitos clássicos de animalidade e humanidade.

Palavras-chave: relações animal-humano; equoterapia; cavalos; pessoas com deficiência; corpos.

¹ Esta pesquisa foi realizada sob orientação do prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden (PPGAS/UFSCar) e com financiamento da Fapesp.

Abstract

This article consists in a study on the animal-human relationships as they appear in the Equine Therapy (or Equine Facilitated Therapy). My goal is to discuss the role played by horses within this health treatment, which is intended to help with the biopsychosocial development of people with disability issues. From my fieldwork visits at an Equine Center (São Carlos city, São Paulo, Brazil), I examine how the relationships between horses and humans, from one side, and relationships between people *with* and *without* disability issues, from another side, when joined in this encounter, might shake the notions of “human” and “animal” in their mutual impacts. It is expected that the ethnographic themes presented here may contribute to the trans-species socialities debate.

Keywords: animal and human relationships; equine therapy; horses; disabled people; bodies.

*“Talvez possamos, ironicamente, aprender,
a partir de nossas fusões com animais e máquinas,
como não ser o Homem, essa corporificação do logos ocidental.”
(Donna Haraway, Manifesto Ciborgue).*

O material reunido brevemente neste artigo² é fruto da pesquisa de campo que realizei no Centro Hípico localizado na cidade de São Carlos-SP, entre os anos de 2013 e 2014. Neste estudo das relações animal-humano, discuto o papel que os cavalos manifestam na Equoterapia, um tratamento de saúde dirigido ao “desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais” (Ande Brasil 2010).

Para examinar com mais afinco a natureza da participação dos cavalos neste cenário, segui o modo como os benefícios provenientes desta terapia eram tematizados pelos interlocutores desta pesquisa³. A hipótese à qual me lancei, de início, fundamenta-se na ideia – um tanto curiosa – de que o contato com os cavalos é benéfico à saúde dos *praticantes* (e “saúde” entendida aqui no sentido amplo, isto é, uma combinação de aspectos fisiológicos, neurológicos, mentais, psicológicos, emocionais e sociais).

Para a consecução de meu objetivo, acompanhei os atendimentos realizados pela *equipe* profissional desta Hípica⁴. Assim denominada pelos terapeutas, a *equipe* refere-se àqueles que

² Este texto trata, sinteticamente, do tema de minha dissertação de mestrado, à qual reporto as/os leitoras/es em busca de uma discussão pormenorizada sobre o assunto (Pavão 2015).

³ Ressalto, de partida, que não pretendo avaliar a eficácia ou a legitimidade desta terapia. Alternativamente, importa analisar o modo como as relações de diferença *intra* e *interespecie* (e também *transespecíficas*) se constituem entre os agentes envolvidos, precisamente neste cenário terapêutico.

⁴ Vale mencionar que os interlocutores desta pesquisa me facilitaram a entrada em campo não porque eu tivesse algum envolvimento prévio com cavalos, mas, cientes de um total desconhecimento do mundo equestre da minha parte, a eles agradava a ideia de que alguém da “área de Humanas” realizasse um estudo sobre o tipo de terapia que ali ofereciam.

oferecem o tratamento ao público, sendo composta por terapeutas + *auxiliares-guia* + cavalos. Naquele momento, a *equipe* contava com cinco profissionais de saúde, dentre eles uma fisioterapeuta, três terapeutas ocupacionais e um psicólogo. Já os cavalos – como esse que aparece na Figura 1 – estavam em maior número: Chocolate, Dominó, Fantasia, Gamil, Nini, Skate, Tic-Tac, Trovão, Pandora, Simba, Sol e Vagalhão. Os *auxiliares-guia*, por sua vez, eram apenas dois.

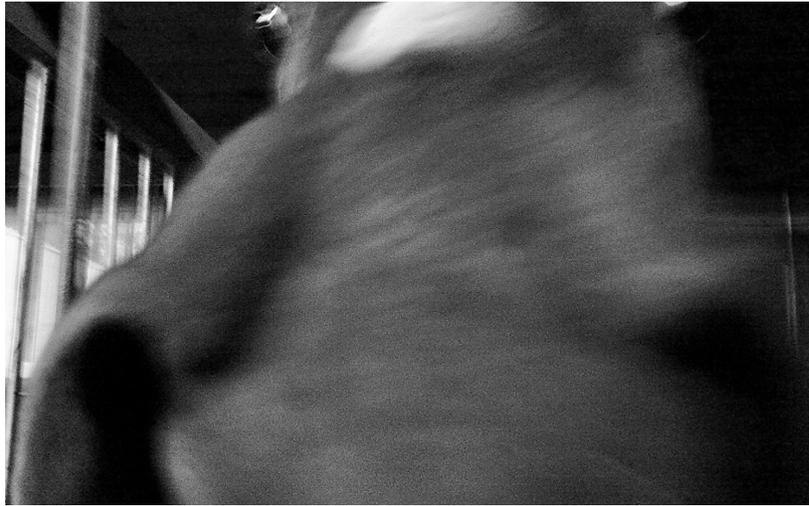


Figura 1. Focinho de cavalo. Foto da autora, 2014.

A seguir, descrevo as funções e procedimentos com os quais cada membro da *equipe* se ocupava.

O *auxiliar-guia* encarregava-se de *pegar os cavalos* no pasto, no início da manhã, e levá-los de volta ao à sua *casa* (como também era chamado o pasto), ao final da tarde e do expediente. Era incumbido também de *preparar* os cavalos para as sessões de montaria, escovando sua pelagem, *fazendo suas unhas* (isto é, retirando a terra acumulada sob suas patas) e vestindo-lhes os equipamentos (como a manta, cela, bridão, estribos). Além dos cuidados com a rotina diária dos animais, o *auxiliar-guia* era um agente de fundamental importância, na medida em que conduzia diretamente os cavalos durante as montarias, manuseando a corda atrelada ao *bridão* (aparato posicionado dentro da boca do animal, no encaixe entre suas mandíbulas). E, sobretudo, era ele também o agente mantenedor da *segurança*, sendo, por esta razão, indispensável para as montarias.

O termo nativo *praticante*, por sua vez, designa aquela/e que faz o tratamento em tela. É importante notar que o uso deste termo, conforme foi esclarecido pelos terapeutas da *equipe*, se dá justamente para enfatizar a participação *ativa* destas pessoas nas atividades da Equoterapia, ao contrário da noção de *paciente* que, por sua vez, remete a um quadro de *doença* e *passividade*.

Dos 55 *praticantes* que conheci em minhas visitas à Hípica, 42 eram considerados *especiais*⁵. De acordo com as expressões nativas, as *deficiências*, *quadros* e *casos clínicos* apresentados por eles

⁵ Pessoas com deficiência representam aproximadamente 24% da população brasileira, dos quais 27% vive em situação de pobreza extrema e 53% são pobres (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2000). De acordo com o Artigo 1º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, incorporada à legislação brasileira em 2008, temos que: “Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas” (Brasil 2012: 26).

eram os seguintes: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; acidente vascular cerebral, alteração congênita; aneurisma cerebral; autismo; esclerose múltipla; esquizofrenia afetivo-familiar; lesão cerebral; obesidade infantil; paraplegia; paralisia cerebral; problemas de equilíbrio e controle corporal; síndrome de *Asperger*; síndrome de *Down* e transtorno intelectual, além de outros tantos classificados como *sem diagnóstico fechado* pelos terapeutas.

Estas pessoas eram avaliadas em termos de uma constituição corporal a ser *melhorada*. De acordo com os terapeutas, praticantes tinham *sérios* problemas motores, um corpo com *espasticidade*⁶, *hipertonia*⁷ ou cujo impulso da marcha era difícil de persistir. Outros tinham o sistema neurológico, a capacidade de autocontrole, o cognitivo e a fala *comprometidos*. Muitas, inclusive, faziam uso contínuo e controlado de medicamentos, além de buscarem outras terapias associadas com a Equoterapia. Poderiam também se valer de extensões funcionais: adaptavam suas casas, utilizavam andadores ou cadeira de rodas, faziam aplicações de Botox e usavam próteses⁸.

Na maior parte das vezes, *praticantes* e seus familiares chegavam à Equoterapia por sugestão e encaminhamento de médicos (em geral, pediatras ou ortopedistas) ou fisioterapeutas. Seus objetivos, conforme me disseram mães, pais, tias, avós e esposa/o de praticantes, giravam em torno de apresentar melhor qualidade de vida e condições de saúde, aprender a andar e a ficar de pé; trabalhar a atenção, concentração e agitação; estimular a fala oral; praticar uma atividade física, estar ao ar livre e fora de casa, dentre outros.

Numa ligeira aproximação ao tema, vale ressaltar que a Equoterapia é parte de um círculo maior de tratamentos terapêuticos modernos que empregam certos animais como *mediadores* ou *facilitadores*, a saber, as Terapias Assistidas por Animais e as Zooterapias⁹. Ora, sabemos que a ideia de que certos animais podem estimular a saúde de seres humanos não vem de agora, mas remonta à Antiguidade (Hurn 2012; Serpell, Coppinger & Fine 2000)¹⁰. Entretanto, o crescimento desta malha terapêutica em ambientes modernos e urbanos se deu com mais ênfase em torno dos anos 90.

Neste quadro atual, é ressaltada a habilidade dos animais em criar ligações sociais (Serpell, Coppinger & Fine 2000). Considerados fonte de “conforto tátil” e capazes de uma comunicação

⁶ “Espasticidade”, conforme a terapeuta explicou, é quando o músculo se contrai o tempo todo, involuntariamente, e não há controle da função de relaxar.

⁷ Mas, segundo informações de uma terapeuta, todas as pessoas têm o corpo *hipotônico* ou *hipertônico* (ela, por exemplo, seria hipotônica; e eu, hipertônica, ela dissera).

⁸ Próteses são aparelhos ou dispositivos destinados a substituírem órgãos, membros ou partes dos membros “destruídos” ou “gravemente acometidos” (Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Altas Habilidades no Rio Grande do Sul 2016).

⁹ A designação de Terapias Assistidas por Animais refere-se às “terapias nas quais o animal é utilizado como motivador” (Oliva 2010: 128). Esta fatia terapêutica é regulada, em nível internacional, pela *Delta Society*. No que se refere à Equoterapia no Brasil em particular, encontramos mais de quatrocentos centros que disponibilizam este tratamento atualmente.

¹⁰ Partes de seus corpos ou mesmo seus produtos (secreções, excreções, ninhos, ovos, etc.) eram usados correntemente como agentes curativos para tratar de enfermidades humanas. Estes “remédios” continuam a ser manipulados de diversas formas em práticas de medicina popular e etnozooterapias, como em amuletos, encantos, ingestões ou uso tópico (Costa Neto & Alves 2010).

não-verbal não “ameaçadora” e sem “julgamentos”, estes animais podem “quebrar o ciclo vicioso de solidão, desamparo e exclusão social” das pessoas (Hurn, 2012: 160, tradução nossa).

Daí decorre a pergunta central desta pesquisa: de que maneira a proximidade com os cavalos pode atuar positivamente sobre as condições de saúde dos *praticantes*? E, simultaneamente, como a humanidade *especial* dos praticantes pode ser revista a partir de seu contato com os cavalos?

Notadamente, o entrelaçamento entre *praticantes* (considerados pessoas *especiais*¹¹), *cavalos* (tidos como animais *coterapeuta, facilitadores e mediadores*) e *típicos* (então referidos em oposição àqueles, ou seja, compreendendo as pessoas *sem deficiência*) sugere que estas relações de contraste reverberam simultaneamente nas definições de humano e animal.

Doravante, examinarei de que maneira estes arranjos relacionais entre os agentes em tela podem dialogar com uma discussão antropológica centrada nas relações animais-humanos (Despret 2004; Haraway 2008; Ingold 2000; Knight 2005; Kohn 2013; Vander Velden 2012).

A marcha tridimensional e outros atributos

Fotografias de uma pessoa em cadeira de rodas, harmoniosamente dispostas ao lado de um excerto do poema “Deficiências”¹², compunham um pôster que, no momento de minhas idas a campo, se encontrava dependurado na plataforma onde as/os praticantes subiam a fim de montar os cavalos. Esta plataforma, por sua vez, estava posicionada logo na entrada do galpão (também chamado de *barracão*) do Centro Hípico, local onde os *praticantes* eram recebidos pela *equipe* de Equoterapia.

Tive a chance de acompanhar algumas das sessões terapêuticas de Isabela¹³, uma praticante que era *cadeirante* (assim são chamadas as pessoas que se valem da cadeira de rodas para se

¹¹ Ao problematizar o uso do termo *especial, deficiente* ou *pessoa com deficiência*, não pretendo negligenciar as formas de diferenciação que agenciam sua posição na sociedade, tampouco seu reconhecimento enquanto categoria política e suas tantas formas de ativismo. Reforço, apenas, um questionamento à conotação comumente negativa dos termos, que atribui um sentido de falta e falha como pertencentes somente à pessoa, quando a define por aquilo que ela não tem (membros, uma perna ou um braço; capacidades, de ver, andar, falar, pensar) (Dias 2013; Kim 2013; Lopes 2014).

¹² O poema mencionado é de autoria de Renata Vilella (porém foi erroneamente creditado a Mário Quintana, inclusive no cartaz ao qual me refiro). O trecho em questão é o seguinte:
 “Deficiente” é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.
 “Louco” é quem não procura ser feliz com o que possui.
 “Cego” é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.
 “Surdo” é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.
 “Mudo” é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.
 “Paralítico” é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

¹³ Para preservar a identidade dos interlocutores desta pesquisa, adoto um pseudônimo para a praticante em questão, mas, ao me referir aos terapeutas, não os distinguirei entre si. Quanto aos cavalos, trago seus nomes verdadeiros pois, sem desmerecer sua condição de agentes, não acarretaria implicações legais quanto à proteção de suas identidades.

locomoverem). Aos seus vinte e poucos anos, em razão de um triste e trágico incidente que culminou em ser atingida por uma bala de revólver, Isabela teve suas pernas acidentadas. Por esta razão, a praticante, que é estudante universitária e assalariada, usava órtese (uma espécie de prótese, também chamada de *tutor*) em ambas as pernas, além de possuir placas de metal e pinos ortopédicos inseridos sob sua pele. Já em tratamento há cerca de cinco anos, ela também fazia sessões de Fisioterapia convencional (ou Fisioterapia tradicional *no solo*).

Certa vez, durante uma conversa informal, Isabela me disse que seu cavalo preferido era Pandora. De todos os cavalos que já havia conhecido na Hípica, Pandora foi a égua *mais dócil e compreensiva*. Quando *trotavam*, sua impressão era a de *estar correndo* com suas próprias pernas, principalmente quando *fechava os olhos*. Isabela também descreveu esta sensação como um sentimento de *liberdade* e acrescentou que, certas vezes, enquanto *montava* na égua, *não percebia diferenças* entre o seu próprio corpo e o corpo do animal.

Ideia semelhante proveio de uma das terapeutas da equipe, ao afirmar que o objetivo da equoterapia era “fazer com que os dois corpos [do praticante e do cavalo] sejam sentidos como um corpo só”. Novamente, este senso de fusão e complementaridade entre cavalos e pessoas apareceu quando outra terapeuta disse a um praticante em montaria: “Se o cavaleiro é corajoso, o cavalo fica corajoso também”¹⁴. Neste caso, a ideia da transmissão de *coragem* entre o cavalo e o *cavaleiro* faz-nos pensar, em certa medida, numa alteração operada em conjunto no trajeto.

Assim, cavalos e praticantes, entrelaçados nos volteios, sugerem um estado de devir ou “tornar-se com” (*becoming with*, Haraway, 2008). Como vimos anteriormente, a experiência relatada por Isabela evoca o corpo do animal como uma espécie de extensão de seu corpo, ampliando sua constituição. Sua percepção traz à tona a montaria entendida como um modo físico e psicológico de expandir as fronteiras do *self* (Davis, Cowles & Maurstad 2013, 2015), além de remeter a um certo encaixe entre os corpos.

Seguindo as explicações dos terapeutas, as inúmeras vantagens que os cavalos trazem aos praticantes repousam na *marcha tridimensional* do animal. Este tipo de marcha consiste num movimento corporal de oscilação que abrange simultaneamente três dimensões: de um lado para outro, de cima para baixo e para frente e para trás. Esta movimentação, diziam, “desperta vinte mil contrações musculares” e “estimula todo o sistema nervoso central” do praticante quando está em montaria. Mas também outros benefícios foram largamente abordados, como os seguintes: o cavalo pode *ajustar* o tônus muscular, *relaxar* a coluna vertebral, *aliviar* as dores e *favorecer* a postura corporal do praticante¹⁵.

Não obstante, apareceu com frequência a ideia de que a Equoterapia traz às pessoas um comportamento mais *calmo*, induz à *concentração* e ao *centramento*, bem como favorece o *autocontrole*, tornando-as mais *estáveis* e *equilibradas*. Além disso, repetiu-se em campo a ideia

¹⁴ Conforme as observações de campo apresentaram, ainda mais frequente é a ideia de que o cavalo transmitiria coragem para aquele que nele está montado. Indo um pouco mais além, a imagem do centauro vem à tona, na medida em que o praticante, ao estar agregado ao cavalo, pode ser conduzido a um estado ou espaço de existência diferente.

¹⁵ Em conversa com uma das terapeutas, ela destacou que não havia segredo nesse processo. Numa lógica de ação e reação, causa e efeito, ressaltou que a marcha do cavalo leva ao ajuste tônico do praticante, e que este não necessitaria fazer nenhum esforço neste ajuste, uma vez que esta transmissão de estímulos e contrações ocorreria involuntariamente.

de que o cavalo pode “mudar a visão de mundo” dos praticantes. Ao olharem de cima para baixo, sobre o dorso dos cavalos, os praticantes “ganham uma nova perspectiva”, diziam os terapeutas. É, portanto, precisamente no contato com o cavalo, e ao ser movido por ele, que o praticante *muda e melhora*: ganha acesso a uma *força e potência*, e até mesmo a uma nova *visão de mundo*, elementos que, segundo os terapeutas da equipe, vêm a impactar, inclusive, na *autoestima* dos praticantes.

Mesclavam-se, portanto, em campo, elementos científicos a respeito da *biomecânica* da marcha do cavalo, mas também simbologias associadas ao animal, seu *porte, potência, velocidade, força e energia*. Ao fazer esta mistura¹⁶, a Equoterapia se mostra um campo de fenômenos heterogêneos, que agrupa preceitos da ciência moderna mas também princípios de ações simpáticas e de magia. E, por juntar estes diferentes campos semânticos em seu corpo, se apresenta como uma “massa confusa de acontecimentos” (Mauss 2000 [1902-1903]: 20).

Uma breve discussão metodológica

Sinalizando a ocorrência de uma “Virada Animal” no final dos anos 90, autoras/es das denominadas Antropologia Pós-Social e Pós-Humana destacam a importância de atentarmos para a presença de animais não-humanos dentro da sociedade humana (Candea 2010; Despret 2004; Haraway 2008; Ingold 2000; Kirksey & Helmreich 2010; Knight 2005; Kohn 2013; Vander Velden 2012).

Na esteira destes argumentos, o estudo de nossas relações com outros animais importa não apenas em razão dos aspectos simbólicos que a eles são atrelados, mas sobretudo naquilo que podem agenciar quanto às relações pragmáticas e contingentes. Por consequência, humanos têm deslocada sua posição de sujeito exclusivo do mundo, ao perderem boa parte de atributos outrora tidos como únicos. Diante disso, modificam-se os termos a partir dos quais a Humanidade, em sua constituição moderna, se definiu em oposição privilegiada frente à Animalidade (atribuída aos animais não-humanos).

Ana C. Ramírez Barreto (2010: 34-35) propõe, de partida, que a humanidade se pense como animais entre outros animais, “agentes entre outros agentes (de outras ‘espécies’)”¹⁷. A filósofa sugere que:

O ‘exclusivamente humano’ perde assim seu estatuto de conceito claro e distinto, revelando-se como uma quimera de pouco valor efetivo. A ilusão que separa a espécie humana e a coloca como uma classe natural já-não-animal é parte de uma cosmovisão distorcida, específica da chamada ‘Cultura Ocidental’ em seus momentos mais acrílicos e dogmáticos – bastante duradouros, decerto (tradução nossa).

¹⁶ Também o contexto, o ambiente e a natureza (as árvores e suas folhas, o vento, o frescor do local, os cheiros, os lugares abertos, e por aí vai) apareceram como elementos significativos do tratamento.

¹⁷ Em referência aos conceitos de “interanimalidade” e “interagentividade”, tomados pela autora de Merleau-Ponty e Tim Ingold, respectivamente (Ramírez Barreto 2010).

Por outro lado (e ao mesmo tempo), ao serem considerados pessoas com deficiência ou *especiais*, os *praticantes* destoam de um certo ideal de humanidade. Retratados como pessoas que podiam entender *tudo, um pouco* ou *nada*, ou mesmo sobre as quais não havia um *diagnóstico fechado*, coloca-se em evidência uma escala de classificações nebulosa. Mas, ainda que a linha demarcatória entre uma pessoa *especial* e alguém *típico* seja traçada sem muita precisão, os praticantes não se encaixam no repertório dos “humanos normais”: sua linguagem falada, seus movimentos corporais e/ou sua capacidade de compreensão são encarados como *afetados, limitados, comprometidos* e, por vezes, perdidos.

Sendo assim, de que maneira poderíamos apreender as (tantas) animalidades plurais e as conexões singulares que vêm se manifestar entre humanos *especiais* e animais não-humanos? Um dos desafios fundamentais com que esta pesquisa se defrontou foi o de encontrar tanto as maneiras apropriadas de inserirmos ambos os agentes em um trabalho de cunho antropológico, como também um caminho metodológico que garantisse suas idiossincrasias (e permitisse uma abordagem compatível à cada qual).

Tendo como horizonte a necessidade de aprofundar uma discussão acerca de nossas experiências com animais não-humanos, Eduardo Kohn (2013: 15) propõe uma teoria social que inclua agentes humanos, mas que não se limite a um ponto de vista estritamente antropocêntrico. A alternativa lançada pelo autor se dá em termos de se provincializar a linguagem, isto é, deslocando a ênfase dada à comunicação verbalizada entre os atores. De tal modo, a “linguagem e suas propriedades únicas” deixaria de ser a instância que nos define, e este desvio deverá ser capaz de visibilizar outros caminhos em nossas investigações.

Com isso em mente, na junção de animais não humanos com pessoas *especiais*, não era o caso, obviamente, de tratá-los como meros sujeitos representados e alvos da representação de outrem. Tratava-se, alternativamente, de seguir os modos pelos quais sua agentividade se expressava perante os demais, implicando na ruptura com um sistema de compreensão centrado exclusivamente no que diz respeito ao mundo social humano *típico* e na primazia da linguagem oral¹⁸.

Ao escapar da leitura privilegiada de terapeutas e familiares (que, ao oferecerem suas noções acerca dos humanos e animais em questão, eram os únicos dotados de “voz” naquele contexto), procurei inserir meus interlocutores de pesquisa na medida em que operavam dentro de eixos de comunicação e vinculação social com o restante da equipe. Longe de tomar praticantes e cavalos como meros ventríloquos daqueles, atentar para as sessões e seu fluxo de ações corporais conjuntas permitiu visibilizar alguns posicionamentos emergentes entre as pessoas e os cavalos.

Deste modo, para analisar o papel dos *cavalos em ação*, vali-me de dois eixos de análise, a saber:

- 1) a percepção humana a respeito da “eficácia terapêutica” creditada aos cavalos e instanciada na Equoterapia, e

¹⁸ O uso das “sympathetic imaginations”, inspiração oferecida pela protagonista da obra fictícia “A vida dos Animais” (Coetzee 2001: 35), seria uma via possível de abordar nossas relações com os animais. De acordo com a personagem, a simpatia e o reconhecimento da experiência do outro não-humano deve acontecer via experiência corporificada, dispensando tanto as elaborações intelectuais que se interrogam sobre a ocorrência de faculdades racionais nos animais, como os possíveis pressupostos morais abstratos usados em sua defesa.

- 2) os relacionamentos cara-a-cara (Haraway 2008), os quais suscitam trocas intercorporais e intercomunicativas entre todos os envolvidos nas sessões terapêuticas, humanos e animais, valendo-me, sobretudo, da análise de sessões de montaria.

Placas na entrada e saída do *barracão* traziam os seguintes dizeres: “*Não corra, não faça barulho, não alimente os animais, não fume e mantenha distância mínima de 2m*”. Alertas como não correr no local e não caminhar muito próximo aos cavalos, devido ao *risco* de que eles pisassem em meus pés, pontuaram minhas visitas iniciais ao local.

Ao pisar sobre eventuais folhas secas ou galhos caídos das árvores de eucalipto (que, por sua vez, ficavam espalhados ao longo das margens das pistas e eram varridos pelo vento), poderia causar um barulho ou movimento brusco capaz de *assustar* o cavalo. Numa ocasião, enquanto observava o desenrolar de uma sessão, do lado de fora do *redondel*¹⁹, apoiei-me na palmeira em frente à pista para observar o grupo em atuação. Logo em seguida, a terapeuta chamou minha atenção, pedindo para que eu desencostasse da árvore, uma vez que o cavalo, ao me ver naquela posição, também iria querer *parar para descansar*. Ou, como aconteceu outras vezes durante as montarias, ao me olharem e interagir comigo, os praticantes deixavam de prestar *atenção* nos terapeutas e suas instruções. Deste modo, além de seguir o grupo, incumbia-me de atentar para que meu próprio posicionamento corporal estivesse adequado aos demais, sempre que eu acompanhava as sessões de montaria.

Questão de longa discussão na antropologia, a presença de pesquisadores em campo pode alterar o modo como os interlocutores de pesquisa se comportam e se relacionam entre si, e até mesmo prejudicar o fluxo dos acontecimentos. Ciente de que a/o etnógrafa/o é um “[...] agente ativo no relato de sua própria experiência” (Sá 2013: 36), não pretendi ser neutra ou invisível. Ao contrário, eu me via como alguém em campo que poderia transtornar o ritmo da sessão (ainda que o meu ofício pendesse mais para observar do que para participar efetivamente de algo) e levar tudo a perder, caso eu não me portasse *adequadamente*. Tanto quanto eu detinha meu olhar sobre eles durante as sessões, meus interlocutores também me colocavam em observação; eu me via, então, similarmente enquadrada nas formas de disciplina híbridas que sustentavam estes encontros.

Zonas de contato ou a Equoterapia dita e vista

“Eu penso é assim, na paridade. [...] Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor”.
(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*).

As mãos do praticante tamborilam sobre o cavalo. Suas pernas tremulam enquanto vai se debruçando, pouco a pouco, sobre o dorso do animal. O cavalo, cadenciadamente, se desloca pela pista, enquanto caminha *ao passo*. As folhas das árvores farfalham e muitas delas caem ao

¹⁹ Pista circular de terra, com cerca de madeira. Além do redondel, as montarias poderiam ocorrer na pista de areia, pista de grama ou na trilha do bosquinho, bem como incluíam caminhadas livres ao redor das mesmas, pelo asfalto ou grama. Em casos de chuva, excepcionalmente, as sessões eram realizadas dentro do Galpão.

chão. Abarcando uma profusão de sons, imagens e cheiros, as montarias – conforme pretende ilustrar a Figura 2 – implicam na execução de uma série de movimentos corporais sequenciados entre cavalo, praticante, terapeuta e auxiliar-guia.



Figura 2. Sessão de montaria na pista do *bosquinho*. Foto da autora, 2013.

É de se destacar a necessidade de um fluxo temporal específico para a manutenção do contato com o animal. Vinte minutos são suficientes para que se realizem os ajustes tônicos, as contrações musculares e outros efeitos provocados pela interação com o cavalo. Por esta razão, cada sessão se sucede por não mais que meia hora, pois, ultrapassado este período, praticantes e cavalos se *cansam* (uma vez que a atividade exige intensa força corporal de ambos).

Neste íterim está compreendido um circuito espacial com início, meio e fim bem delimitados. A/o praticante é recebida/o pela equipe no *barracão*. Em seguida, monta no cavalo através do suporte da plataforma e com o auxílio de terapeutas ou familiares. A equipe então se dirige para a pista e realiza o volteio propriamente dito. Após isso, retornam ao *barracão*, quando a/o praticante *desmonta* do cavalo com o auxílio de terapeutas ou familiares novamente e então a sessão se dá por encerrada.

Nos volteios da Equoterapia, as *andaduras* do cavalo podem ser: *ao passo* (quando o cavalo caminha a passos lentos), *trote* (nível intermediário de velocidade) e *galope* (quando o cavalo desempenha a maior velocidade permitida pelos terapeutas). Mescladas a estas, os cavalos podem caminhar em linhas retas, semicírculos, ziguezagues²⁰, subir ou descer a ladeira, dentre outros.

No que se refere ao par praticante-cavalo, em particular, seus corpos se entretocam em diversos pontos: as mãos do praticante seguram, controlam ou puxam a boca do animal por meio do uso das *rédeas*; os glúteos se apoiam sobre o dorso do cavalo; os joelhos encontram e pressionam contra a

²⁰ O ziguezague é um movimento que o cavalo faz de um lado para o outro na pista, costurando um “S” no chão.

barriga do animal; os pés estão encaixados nos estribos, e assim sucessivamente. O percurso que envolve cada sessão de montaria traz, portanto, a constituição de uma zona de contato entre os atores. Esta articulação corporificada entre o praticante (seus dedos, pernas, glúteos, mãos) e o cavalo (sua boca, barriga, dorso) se desenrola também à semelhança de uma indução recíproca, ideia tratada por Donna Haraway em sua obra *When Species Meet* (Haraway 2008).

As frases “Junta sua respiração com o cavalo” ou “A gente quer fazer juntos”, proferidas pelos terapeutas aos praticantes no decurso das montarias, expressam que, nesta interação, importa que praticantes e cavalos desempenhem movimentos em sincronia. Todavia, se a reunião entre os diferentes agentes permite que se mantenham entrelaçados por um certo período de tempo, esta constituição mútua e o “fazer juntos” em questão também dispõem os seres em graus de controle recíprocos. Sendo assim, ao mesmo tempo em que o contato animal-humano pode propiciar senso de *liberdade* e *fusão* a alguns (como vimos ocorrer acima com a praticante Isabela, ao trotar com Pandora), estabelece também um jogo de ações corporais que, no limite, torna cada uma das partes deste agrupamento sujeitos passivos e simultaneamente ativos na execução das ações e no uso da *força*.

Senão, vejamos: o auxiliar-guia puxa a corda presa ao cabresto do cavalo, com mais ou menos força, e a movimenta para os lados, ou então segura sua mão mais ou menos próxima à argola atada ao bridão. Ele também manda os chamados *beijinhos*²¹ para o cavalo, como em “*ptchu ptchu ptchu*”. Emite, ainda, outros estalos sonoros com a boca, produzindo o som “*tsch tsch tsch tsch tsch*”. E pouco chama o cavalo pelo nome; o único uso verbal que faz é do termo “Vamos”. Todavia, o auxiliar-guia executa essas ações sempre em obediência às solicitações dos terapeutas.

Os terapeutas, de sua parte, dão ordens para os cavalos, praticantes e auxiliares-guia. No que tange à sua comunicação com os cavalos, eles também mandam *beijinhos*, fazem estalos sonoros com a boca, dão *tapinhas* na garupa do animal para fazê-lo retomar a caminhada e, com frequência, se dirigem verbalmente a eles, dizendo-lhes “Anda”, seguido da pronúncia de seu nome. Quando necessário, reforçam a solicitação ao animal, proferindo, de forma alongada, a expressão “*Vaaaaamos*”. É recorrente também que lhes dirijam as seguintes expressões: “Para com frescura”, “Vamos logo”, “Está acabando”, “É só mais esta sessão” e “Vai, pode parar com esta preguiça”. Ao mesmo tempo, terapeutas ditam progressivamente aos praticantes quais movimentos corporais devem executar (ou, no caso de praticantes que *não entendem*, fazem eles mesmos a manipulação de seus corpos).

Já os praticantes, por sua vez, eram instados a *respirarem fundo*, se *concentrarem* e *prestarem atenção* no cavalo. Para aqueles considerados mais *autônomos* e que *entendiam* bem, grande ênfase era dada ao uso de gestos. De forma genérica, praticantes deveriam conduzir o cavalo *ao passo*, fazer círculos dentro da pista, manter ou inverter o sentido da caminhada e, eventualmente, poderiam trotar. Além do assento dos glúteos no dorso do cavalo (mediado pela *sela*), eles estabeleciam *contato* com o animal por meio de uma série de pontos envolvendo toques corporais. Montados no cavalo, os comandos utilizados pelos praticantes eram: *puxar* ou *afrouxar* a rédea; fazer mais ou menos *pressão* dos pés contra a barriga do cavalo; dar *impulsão* com o quadril; *inclin*ar o corpo para trás, *olhar* para frente; mandar *beijinho* e *abaixar* os calcanhares no estribo.

²¹ Ao contrário de ser efetivamente um beijo dado ou dirigido ao animal, num gesto afetuoso ou de saudação, o *beijinho*, tal como é designado pelos interlocutores, é um dos *comandos* cuja finalidade é estimular o cavalo a executar movimentos determinados (por exemplo, para manter ou retomar a caminhada, acelerar o passo ou o trote, e daí por diante).

Utilizados diversas vezes ao longo da interação com o animal, penso que os *beijinhos* e outros sons vocais atuam como um tipo de “*pidgin transespecífico*” (Kohn 2013). Estes diálogos transversais entre as espécies seriam, no limite, uma instanciação de um processo mais amplo em que as distinções entre os seres estão borradas, a partir do uso de uma linguagem corporificada e não-simbólica. E, neste caso, resultam da combinação de sons que são parte linguagem humana e parte sonoridades próprias ao animal.

Os cavalos, outrossim, devem responder aos comandos, executando os movimentos correspondentes. Assim, se o praticante aciona o *contato* no grau certo, o cavalo *sente* e *entende* o comando. Via de regra, estes movimentos devem ser suficientemente claros para serem sentidos pelo animal. E, além disso, ilustram a necessidade de somar ao movimento do corpo humano uma certa *pressão*, como aparece na seguinte ordem da terapeuta, dirigida à praticante durante o volteio: “Põe contato e estica os dedos. Você precisa fazer ele sentir na boca dele o movimento na sua mão”. E, se a rédea é um dos canais de comunicação entre praticante e cavalo, ela é também um modo de controle. Alongar a rédea pode *acelerar o cavalo*, enquanto encurtá-la pode *frear* o animal e, neste último caso, conforme afirmou a terapeuta, “o cavalo faz o que você quer”²².

Idealmente, estes *comandos* direcionados aos cavalos atingem respostas corporificadas correspondentes por parte do animal. A comunicação transespecífica que percorre estas cadeias ordenadas de movimentos orienta, assim, a “transmissão de ordens” entre os atores (Patton 2003: 90). Dessa maneira, a associação de gestos entre as pessoas e os cavalos é permeada também por autorizações mútuas e distribuição de influência (Despret 2004).

Obviamente, esta descrição é um modelo ideal por mim elaborado, porque, na prática, as inter-relações assumem diversas outras possibilidades e variações. Mas, grosso modo, as relações, integradas entre si, são sempre preenchidas de ambivalência. Como vimos, embora seja tomado como o “grande provedor” de movimentos benéficos aos praticantes, o cavalo é também alvo de movimentos externos. Ele movimenta e é movimentado, sendo simultaneamente sujeito e objeto da ação alheia.

O mesmo ocorre para todos os demais sujeitos envolvidos nas sessões. O grupo, integrado e ao mesmo tempo fragmentado em posições específicas, se assemelha a um organismo ou corpo coletivo (que, embora assuma caráter instável, permanece articulado). Neste arranjo, fluxos de comunicação entre seres até então bastante díspares, somados às formas de atenção dedicadas ao outro, costumam e dão suporte às relações entre praticantes, cavalos, terapeutas, auxiliares que, assim, compõem um todo em si mesmo.

No entanto, este jogo de ações combinadas e recíprocas está sujeito a variáveis (o que, naturalmente, vem a ocorrer, uma vez que se trata da reunião de quatro seres independentes, cada qual com seus próprios interesses). Desta experiência corporal compartilhada, pode emergir um cenário de dissonância entre os agentes, quando interrupções individuais são colocadas à marcha coletiva. De um lado, se os praticantes não estivessem *bem* ou então estivessem *irritados*, poderiam querer *se jogar* de cima do cavalo. De outro lado, se os cavalos se *assustassem*, *invocassem* ou se *incomodassem* com algo (pessoas, objetos, veículos, outros animais no local), em uma *fração de segundo*, poderiam *disparar* ou *rodopiar*, inadvertidamente, durante o volteio.

²² Assim, o uso da rédea tornava o cavalo uma espécie de marionete nas mãos do praticante (se ele reagir conforme o esperado e não desobedecer), implicando uma ação de controle físico exercido sobre o cavalo, da mão do praticante à boca e cabeça do cavalo.

Certa vez, após comentar o quanto *gostava de trabalhar* com estes animais, uma das terapeutas da Hípica me disse que a possibilidade de desenvolver uma “intimidade carnal com um bicho enorme como o cavalo, um bicho que pode até te matar, se ele quiser” era aquilo que a atraía para este ramo²³. E, justamente por se tratarem de animais *imprevisíveis*, os terapeutas insistiam nos alertas para que tivéssemos *cuidado* e ficássemos atentos aos cavalos. A noção de *minimização de riscos*, lançada em campo, também reconhece este caráter incerto presente no encontro com os cavalos²⁴.

Os laços de interdependência formados neste arranjo relacional são, assim, efêmeros, emergentes e perturbáveis. Temos, pois, que em certos momentos as ligações entre os sujeitos em análise revelam-se frágeis, acomodam falhas na comunicação e, eventualmente, carregam certas “ameaças” (Kohn 2013). Como toda relação social, o que se passa nas montarias está sujeito ao acaso das circunstâncias e aos interesses conflitivos dos atores.

Contradições plurais

Mas o entrelaçamento entre cavalo, praticante, terapeuta, auxiliar-guia e família guarda ainda outras controvérsias.

Conforme vimos anteriormente, muitos praticantes não *falavam*, não *entendiam* e não *caminhavam*. Eles foram também definidos como pessoas que não sabem andar direito, que se jogam, que têm um corpo *esquisito* e que *desmonta*, cujos movimentos vão ficando cada vez mais *limitados*. São tidos como pessoas *instáveis*, que saem correndo, *muito agitadas*, a quem lhes falta *equilíbrio* e por isso podem *cair a qualquer momento*. Outros eram caracterizados como *sonolentos* e *desatentos* demais; pessoas que sentem muita tontura e sofrem convulsão com frequência. Ao buscarem a Equoterapia, familiares de praticantes demonstravam que suas expectativas giravam em torno da melhora de um quadro *problemático, limitado, grave* ou *crítico* apresentado pelos praticantes.

De um lado, sou levada a pensar que a Equoterapia traz em seu bojo um certo modelo de humanidade que vem a ser contrastado pelas pessoas com deficiência²⁵. Sob a proposta de se oferecerem melhores condições física, mental, emocional, intelectual e motora aos praticantes, é trazido à tona um ideal de pessoa socialmente aceito e esperado, tal qual uma expressão acabada e completa do ser humano, cujas capacidades de fala e cognição devem ser totais, bem como sua locomoção na forma bípede²⁶. Neste sentido, os praticantes apresentam condições corporais e

²³ Lembremos que os cavalos pesam, em média, 550 kg e medem cerca de 1,50m.

²⁴ Certo dia, outra terapeuta comentou que, até mesmo Vagalhão – o cavalo que era estável e por isso não se alterava nunca – estava, numa certa ocasião, nervoso e agitado porque algum bicho havia entrado no piquete e “assustado todo o mundo”, deixando os cavalos histéricos (nesta mesma ocasião, de acordo com ela, uma égua foi encontrada morta no pasto, o que levantara a suspeita de que uma cobra havia invadido o local dos piquetes).

²⁵ Vale notar, ainda, a defesa do uso do termo “deficiente”, em detrimento de “pessoa com deficiência” (Diniz 2013), uma vez que o atributo “com deficiência”, visto em separado, na perspectiva da autora, não explicita a condição de alteração radical da vida da pessoa que é marcada pela deficiência, devendo, a seu ver, ser adotada a acepção “deficiente”.

²⁶ Sobre o bipedismo e a condição humana dada pela verticalidade, consultar Kim (2013: 393).

cognitivas não contempladas numa certa noção iluminista de ser humano, racional e autônomo, na qual se supõe a pessoa (e seu corpo) em sua condição “total” ou “plena”. No limite, informam uma noção de ser humano *típico* que, de modo simultâneo, se opõe diametralmente ao animal enquanto signo de falta, ausência e incompletude (Singer 2004 [1975]).

Por outro lado, no que diz respeito ao tratamento dispensado aos animais nas chamadas sociedades modernas, reconhecer “*o animal que logo somos*” (Derrida 2002) é geralmente associar aquilo que é instintivo e irracional a uma negatividade, e a tudo o mais que se afasta do *logos* ocidental (que, idealmente, caberia a nós, humanos, corporificar). Esta distância negativa estabelecida entre humanos e animais permitiu e ainda permite nossas mais diversas formas de exploração diante dos animais (Adams 1990; Felipe 2006, 2014).

Gary Francione (2007: 244) apontou três razões históricas que permitiram o “uso” desenfreado dos animais pelos humanos: a ideia de que os animais não são seres sencientes, fundada pelo filósofo Descartes; a justificativa religiosa que considera os animais “*seres espirituais inferiores*”, cujo uso seria, portanto, permissível por deus; e a noção de que animais são “*inferiores naturais*” aos humanos, faltando a eles a característica humana distintiva (arbitrária), a saber, a cognição.

A chamada tradição moral especista²⁷, segundo Sônia Felipe (2006), predomina há mais de 2 mil anos. Para a filósofa, especismo, racismo, sexismo, machismo, elitismo, geracionismo (e à sua lista podemos acrescentar o capacitismo), têm todos em comum:

[...] a resistência humana em aceitar o mesmo estatuto moral, isto é, em reconhecer um valor moral idêntico ao seu próprio valor, quando os outros seres em questão não têm uma configuração, em sua aparência, igual àquela imaginada pelo discriminador, sempre em causa própria, como a única digna de consideração ou respeito moral (Felipe 2006: 210).

Também Keith Thomas (1983) já apontou que a diferenciação humano-animal caminhou *pari passu* à distinção entre os próprios humanos, conferindo uma “natureza animal” e bestialidade às pessoas ou grupos fora do escopo da sociedade dominante, e assim deu suporte a discursos e práticas violentas intra-humanas²⁸.

Neste caso, pergunto: estariam praticantes e cavalos associados porque a ambos é conferido um “não-poder”, como a ausência negativa do “poder de raciocinar, de falar, com tudo o que se segue” (Derrida 2002: 55)? Seguindo esta linha de pensamento, sugiro que o nexos existente entre cavalos e praticantes problematiza estas presumidas carências de poderes, voz e/ou agência, e tende a reverberar nas concepções ocidentais modernas de humano e animal.

Indo um pouco mais além, para o caso particular dos cavalos da Equoterapia, vale interrogar: são estes animais aproximados da condição de máquinas, recursos e/ou objetos a serem explorados²⁹

²⁷ O termo “especismo”, adotado na década de 70, vem justamente denotar as atitudes de superioridade, discriminação e exploração do Outro animal, pela simples razão de seu pertencimento a uma espécie diferente.

²⁸ Como os atos de violência e maus tratos cometidos contra negros, indígenas, mulheres, pobres, iletrados, loucos e vagabundos, legitimados a partir do suposto distanciamento destes grupos do ideal de ser humano (Thomas 1983).

²⁹ Similarmente à importância desempenhada pelos cavalos e outros animais pertencentes ao gênero *Equus* (burros, mulas, bestas e jumentos), quanto à sua função motora e seu movimento – este sendo, inclusive, uma das “maiores

ou, por outro lado, se constituem como agentes, sujeitos e/ou seres sencientes³⁰, respeitados em sua liberdade individual de escolha? Se os cavalos podem *estimular* (o sistema nervoso central), *ajustar* (o tônus muscular), *relaxar* (a coluna), *aliviar* (as dores), *favorecer* (a postura), *investir* (na autoestima), *mudar* (a visão de mundo) e inclusive *reavivar* o praticante, modificando sua *condição passiva*, de que maneira podemos, então, entender o estatuto desses equinos na terapia em análise?

Creio que a posição concedida aos cavalos na Equoterapia seja matizada e deslocada em favor de sua condição pendular, tanto a nível de objeto como de sujeito das ações. E, justamente por serem considerados aptos a melhorarem as condições de vida de pessoas que também têm seu lugar na sociedade comprometido, os cavalos recebem outros atributos que não só aqueles de um mero animal dominado ou instrumentalizado, e adquirem (em sua aliança com pessoas *especiais, difíceis* ou *problemáticas*) valor singular para os sujeitos envolvidos.

É o caso, por exemplo, dos comentários ouvidos em campo, os quais afirmavam que o cavalo *sente* o que o praticante quer, pois *percebe* as preferências e características de cada um deles, e por isso *sabe* quem precisa ser conduzido com um passo mais lento ou mais rápido. Nestas circunstâncias, o animal é considerado capaz também de diferenciar um *comando* executado pelo praticante de um simples gesto corporal. E temos, notadamente, as ideias de que o cavalo *desperta* o praticante e *faz milagres* em seu corpo, além de outras noções que, via de regra, são associadas a graus de intenção (positivada) proveniente do animal, chegando mesmo à afirmação de que o cavalo é um *anjo* e gosta de *ajudar*.

Entretanto, a questão insiste em se complexificar quando, nas falas dos terapeutas, o animal aparece tanto como um agente que se *submete* e se *sujeita* (e o faz *voluntariamente*), mas também como um sujeito que, por vezes, *desobedece* aos ditames dos terapeutas, e o faz por *birra, preguiça* ou *cisma*. É de se notar, aliás, que uma das terapeutas admitiu ser necessário “*entrar no pasto com ração, senão eles [os cavalos] não vêm*”. E que, caso o cavalo “*não quisesse fazer de jeito nenhum*”, ou seja, executar a montaria ou o treino, ele seria *dispensado*, ou seja, *mandado embora* da equipe da Hípica. É, portanto, inegável que as relações travadas entre pessoas e cavalos na Equoterapia incorrem em práticas assimétricas, nas quais em diversas vezes o animal não participa por “espontânea vontade”.

Neste sentido, os cavalos não aparecem como animais meramente *usados*, mas são entendidos como seres que *reagem* conforme sua *vontade*. Por diversas vezes, eles demonstram seu consentimento ou desobediência ao executarem certas tarefas. De qualquer maneira, entende-se que estes animais têm uma percepção sofisticada do mundo externo: uma vez que *preveem* situações e *fingem* outras, os cavalos não são animais representados tão somente, mas capazes também de representar os outros. E, ao serem reconhecidos como sujeitos que observam, conhecem e apreendem o mundo, eles são, portanto, “*selves*” (Kohn 2013).

dádivas de qualquer animal” (Cassidy 2007: viii). Já foi assinalado, também, que a contribuição dos cavalos para o chamado mundo moderno é tal que as grandes revoluções da agricultura, industrial, comercial e urbana devem ser consideradas empreendimentos não apenas humanos, mas também feitos pelos animais, dado seu papel fundamental nas mesmas (Hribal 2007, 2012).

³⁰ A senciência é tida como a capacidade que todo e qualquer animal tem em sentir dor e prazer; ela não é, portanto, atributo de seres humanos apenas. Consta na Declaração de *Cambridge* sobre a Consciência Humana e Animal (2012) que “Todos os animais a possuem [a senciência], sem exceção, do polvo ao humano, passando pelas aves, pelos mamíferos, vertebrados e invertebrados” (Felipe, 2014: 28-29).

Conclusão: O Encontro Cavalo-Humano na Equoterapia

“O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão.”

(Grande Sertão: Veredas, Guimarães Rosa 1978: 39).

Nestas considerações finais, ressalto que a terapêutica em questão e a malha relacional que a compõe apontam para um (re)desenho particular de noções caras à Antropologia. No encontro transespecífico que perpassa a Equoterapia, se o cavalo “é que nem gente” (ideia que se repetiu em diferentes ocasiões em campo), os conceitos de Humanidade e Animalidade são embaralhados, ainda que provisoriamente. E, neste movimento, outros termos antropológicos consagrados, como natureza, cultura, sujeito e objeto, são também remexidos.

Num processo que visa à promoção da saúde humana, os cavalos são inseridos e reconhecidos como partícipes ativos, cuja *potência* e *força* são assinaladas repetidamente. Ao carregarem simultaneamente uma certa dose de *risco* e *prazer* aos humanos ao seu redor, estes animais fazem as pessoas lançarem mão de um jeito próprio de lidarem com eles, um modo pragmático em que constantemente devem atentar para seu estado naturalcultural.

Expressando grande plasticidade, estes animais manifestam atributos terapêuticos que se alternam: estão ora na posição de agentes, ora como objetos, cujas diferenças e semelhanças em relação ao humano são acentuadas ou atenuadas no fluxo das circunstâncias. Mas, para além de meros objetos de reflexão daqueles que os rodeiam, estes cavalos são também sujeitos que produzem diversos significados sobre o mundo, com propósitos bastante definidos (quando *fingem, mentem e enganam* os terapeutas, por este ou aquele motivo).

Seguindo os atores em seus modos relacionais de comunicação e ação, o corpo e suas disposições corporais emergem como o eixo comum para negociarem certos tipos de contato, comando, disciplina e controle. A este respeito, a discussão sobre relações corporificadas e modos de comunicação extralinguísticos mostrou-se fundamental. Sobretudo, a conjugação cavalo-praticante torna-se a antípoda da definição moderna do ser humano e impacta na estabilidade mental, oral e corporal assegurada entre os humanos *típicos*. Ao aparecerem juntos, cavalos e *praticantes*, vêm a “falar” – cada qual ao seu modo, certamente – sobre a condição humana; os primeiros, ao situarem a oposição de fundo naturalista entre humanos e animais; os segundos, ao manifestarem traços diacríticos entre pessoas *especiais* e *típicas*.

Finalmente, ao contrário de escolher um caminho único para tratar das relações animal-humano, pretendi apresentar a profícua mistura de elementos que se apresenta na Equoterapia. De um lado, atuam as diversas simbologias atribuídas aos cavalos, com enunciados que imputam a este animal os mais sortidos significados. De outro lado, as interações via toques corporais, tal como aparecem no transcurso das sessões, colocam em operação as inúmeras possibilidades de conexões materiais e corporais entre todos os atores envolvidos. Uma vez que os gestos e seus diferentes matizes aparecem inextrincavelmente associados com leituras de intenções e estados internos próprios aos cavalos e praticantes, pretendi expor de que maneira os engajamentos corporais operam também na esfera simbólica.

Muito embora as tensões conceituais e etnográficas assinaladas neste artigo estejam longe de ser equacionadas, faz-se necessário empurrarmos os limites abrigados numa visão antropocêntrica de mundo, já que as inter-relações animal-humano transpõem, muitas vezes, as grandes cisões modernas. Quiçá, então, teremos um alcance antropológico nas questões que implicam reconhecer tanto a singularidade que os animais (não-humanos) expressam em si como sua pluralidade conjugada ao nosso convívio.

Referências

- ADAMS, Carol. 1990. *The sexual politics of meat: a feminist-vegetarian critical theory*. New York: Continuum. 256 p.
- ANDE Brasil. 2010. *1º curso básico de Equoterapia*. Araras: Centro de Estimulação e Reabilitação Neurológica “José Canzi Júnior”. 169 p. Apostila.
- BRASIL. 2012. *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. 4. ed. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaopessoascomdeficiencia.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- CANDEA, Matei. 2010. “I fell in love with Carlos the meerkat: engagement and detachment in human-animal relations”. *American Ethnologist*, 37(2):241-258.
- CASSIDY, Rebecca. 2007. *Horse people: thoroughbred culture in Lexington & Newmarket*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- COETZEE, John M. 2001. *The lives of animals*. Chichester: Princeton University Press. 127 p.
- COSTA NETO, Eraldo M.; ALVES, Rômulo R. N. 2010. *Zooterapia. Os animais na medicina popular brasileira*. Recife: NUPPEA.
- DAVIS, Dona; COWLES, Sarah; MAURSTAD, Anita. 2013. “Co-being and intra-action in horse-human relationships: a multi-species ethnography of be(com)ing human and be(com)ing horse”. *Social Anthropology*, 21(3):322-335.
- _____. 2015. “My horse is my therapist: the medicalization of pleasure among women Equestrians”. *Medical Anthropology Quarterly*, 29(3):298-315.
- DERRIDA, Jacques. 2002. *O animal que logo sou*. São Paulo: Editora UNESP. 92 p.
- DESPRET, Vinciane. 2004. “The body we care for. Figures of anthropo-zoo-genesis”. *Body and Society*, 10(2-3):111-134. Disponível em: <http://orbi.ulg.ac.be/bitstream/2268/135549/1/despret_2004_thebodywecarefor.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2016.
- DIAS, Adriana. 2013. “Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social”. In: *Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPcD/Diversitas/USP Legal*, São Paulo.

DINIZ, Debora. 2003. *Modelo social da deficiência: a crítica feminista*. Brasília: Anis.

FUNDAÇÃO DE ARTICULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E ALTAS HABILIDADES NO RIO GRANDE DO SUL – FADERS. *Órteses e próteses: conceitos*. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/servicos/3/9/14>>. Acesso em: 1 jul. 2016.

FELIPE, Sônia T. 2006. “Fundamentação ética dos direitos animais: o legado de Humphry Primatt”. *Revista Brasileira de Direito Animal*, 1(1):207-229.

_____. 2014. *Acertos abolicionistas: a vez dos animais: crítica à moralidade especista*. São José: Ecoânima. 320 p.

FRANCIONE, Gary L. 2007. “The use of nonhuman animals in biomedical research: necessity and justification”. *Journal of Law, Medicine & Ethics*, 35(2):241-248.

Haraway, Donna J. 2000. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: D. Haraway, H. Kunzru & T. Tadeu (eds.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.

HARAWAY, Donna. 2008. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press. 423 p.

HRIBAL, Jason. 2007. *Emily the cow and tyke the elephant: resistance is never futile*. Petrolia: Counter Punch.

_____. 2012. “Animals are part of the working class reviewed”. *Borderlands Journal*, 11(2):63-88.

HURN, Samantha. 2012. *Humans and other animals: cross-cultural perspectives on human-animal interactions*. London: Pluto Press. 265p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2010. *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro.

INGOLD, Tim. 2000. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling, and skill*. New York: Routledge.

KIM, Joon H. 2013. *O estigma da deficiência física e o paradigma da reconstrução biocibernética do corpo*. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo.

KIRKSEY, Eben; HELMREICH, Stefan. 2010. “The emergence of multispecies ethnography”. *Cultural Anthropology*, 5(4): 545-576.

KNIGHT, John. 2005. *Animals in person: cultural perspectives on animal-human intimacy*. Oxford: Berg. 276 p.

KOHN, Eduardo. 2013. *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press. 267 p.

LOPES, Pedro. 2014. *Negociando deficiências: identidades e subjetividades entre pessoas com “deficiência intelectual*. Dissertação de Mestrado, FFLCH, Universidade de São Paulo.

- MAUSS, Marcel. 2000 [1902-1903]. *Esboço de uma teoria geral da magia*. Lisboa: Edições 70, 183 p. (Perspectivas do homem).
- OLIVA, Valéria N. L. S. 2010. “Terapia assistida por animais”. In: E. M. Costa-Neto & R. R. N. Alves (eds.), *Zooterapia: os animais na medicina popular brasileira*. Recife: NUPPEA. 268 p.
- PATTON, Paul. 2003. “Language, power and the training of horses”. In: C. Wolfe (ed.), *Zoontologies: the question of the animal*. Minneapolis: University of Minnesota Press. pp. 83-99.
- PAVÃO, Luna C. 2015. ‘O que é que cavalo sabe’: um estudo antropológico sobre o vínculo animal-humano na equoterapia. Dissertação de Mestrado, CECH, Universidade Federal de São Carlos.
- RAMÍREZ BARRETO, Ana C. 2010. “Ontología y antropología de la interanimalidad: Merleau-Ponty desde la perspectiva de Tim Ingold”. *Revista de Antropología Iberoamericana*, 5(1):32-57. Disponível em: <<http://www.aibr.org/antropologia/netesp/0501.php>>. Acesso em: 1 out. 2014.
- ROSA, João Guimarães. 1978. *Grande sertão: Veredas*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 460 p.
- SÁ, Guilherme J. S. 2013. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7 Letras. 220 p.
- SERPELL, James; COPPINGER, Raymond; FINE, Aubrey. 2000. “The welfare of assistance and therapy animals: an ethical comment”. In: A. Fine. *Handbook on animal-assisted therapy: theoretical foundations and guidelines for practice*. Burlington: Academic Press. pp. 415-431.
- SINGER, Peter. 2004 [1975]. *Libertação animal*. Porto Alegre: Lugano.
- THOMAS, Keith. 2001 [1983]. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Cia. das Letras. 537 p.
- VANDER VELDEN, Felipe F. 2012. *Inquietas companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda. 358 p.

Recebido em Março 29, 2016

Aceito em Julho 10, 2016